



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A REALIZAÇÃO DO DITONGO /ei/ NA ILHA DA MADEIRA

Sergio Luiz Karlinski Neto

Rio de Janeiro

2022

K18r KARLINSKI NETO, SERGIO LUIZ
A REALIZAÇÃO DO DITONGO /ei/ NA ILHA DA MADEIRA
/ SERGIO LUIZ KARLINSKI NETO. -- Rio de Janeiro,
2022.
37 f.

Orientadora: Danielle Kely Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Francês, 2022.

1. Fonologia da Língua Portuguesa. 2.
Sociolinguística. 3. Dialectologia Portuguesa. I.
Gomes, Danielle Kely, orient. II. Título.

SERGIO LUIZ KARLINSKI NETO

A REALIZAÇÃO DO DITONGO /ei/ NA ILHA DA MADEIRA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientadora: Prof. Dra. Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à mulher que me trouxe ao mundo e que nunca deixou de estar ao meu lado: a minha amada mãe, Patrícia. Sua força, seu empenho, seu *savoir-vivre* e sua vontade adamantina de se manter uma eterna aprendiz foram o maior exemplo e o maior incentivo que tive para escolher a profissão que desempenharei com todas as forças do meu ser. Mãe, eu só sou porque você foi e é, para mim, tudo.

Agradeço imensamente ao meu amor, João, por ter me aceitado em sua vida. Obrigado por me ajudar tantas vezes com minhas dúvidas bobas, por se desdobrar para me explicar as coisas que só você entende, por querer me incluir na sua rotina atribulada e por me fazer enxergar que a gente merece, sim, aquilo que a gente sonha. Nossa filha de quatro patas tem o melhor pai que ela poderia pedir.

Não poderia deixar de mencionar, em especial, meu “migo”, Christian. Agradeço de todo coração todo o tempo que pude passar com você, todos os biscoitos que assamos em dias pandêmicos, todas comidas deliciosas que você me ensinou a cozinhar e todas as conversas que tivemos. Você é uma pessoa extremamente especial, obrigado por ser do seu jeitinho e me permitir ser do meu jeitinho.

Agradeço aos meus amigos “letrados”, Sophia, Marcelo, Guilherme, Maria, Ludmilla e Rodrigo, que percorreram comigo o caminho até o magistério, e meus amigos da vida, Érika, Beatriz, Yasmin e Giovanna, que compartilharam comigo suas vidas, suas felicidades e suas lutas.

Minha gratidão à minha professora e orientadora, Danielle Kely, que aceitou o desafio de orientar alguém que dificilmente tem um norte, e à Faculdade de Letras da UFRJ, minha segunda casa.

Ainda não fui e espero não ter sido tão cedo, mas o que sou, só sou porque outros foram antes de mim e tudo devo à essas pessoas.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 2. O DITONGO | 3 |
| 2.1 Na perspectiva de Camara Jr. (1970) | 3 |
| 2.2 Na perspectiva de Bisol (1989) | 4 |
| 3. TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA | 6 |
| 4. O DITONGO /ei/ NA ILHA DA MADEIRA | 8 |
| 4.1 As ilhas atlânticas | 9 |
| 4.2 A Ilha da Madeira como um <i>locus</i> de conservação do ditongo /ei/ | 9 |
| 5. OBJETIVOS E HIPÓTESES | 10 |
| 6. METODOLOGIA | 11 |
| 7. ANÁLISE DOS DADOS | 15 |
| 7.1 Resultados gerais | 15 |
| 7.2 Análise das variáveis relevantes | 16 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 21 |
| 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 23 |
| ANEXO | 25 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – distribuição geral dos dados da Ilha da Madeira..... | 15 |
| Tabela 2 – contexto subsequente ao ditongo..... | 17 |
| Tabela 3 – contexto precedente ao ditongo..... | 18 |
| Tabela 4 – classe do vocábulo..... | 19 |
| Tabela 5 – análise dos <i>types</i> | 19 |
| Tabela 6 – número de sílabas..... | 20 |
| Tabela 7 – faixa etária..... | 20 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – variável dependente..... | 12 |
| Quadro 2 – variáveis linguísticas..... | 13 |
| Quadro 3 – variáveis extralinguísticas..... | 14 |
| Quadro 4 – variáveis relevantes..... | 16 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – distribuição das variantes de /ei/ - Funchal..... | 15 |
|---|----|

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a investigar a variação encontrada na realização do ditongo /ei/ na fala dos residentes do Funchal, capital da Região Autónoma da Madeira. Objetiva-se compreender e explicar, através da análise dos dados disponíveis, a ocorrência de tal fenômeno e depreender os contextos que favorecem a redução do ditongo. Assim, a partir de um *corpus* composto por 18 entrevistas com falantes nativos, subdivididos e categorizados em três faixas etárias e três níveis de escolaridade, foi possível analisar os fatores intra e extralinguísticos que contribuem para a redução do ditongo a monotongo. Os inquiridos estão abrigados no Projeto *Corporaport – Corpora* de variedades do Português em análise, (disponível em <http://corporaport.letras.ufrj.br/>), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ.

A realização variável do ditongo /ei/, isto é, a alternância entre o ditongo e a realização monotongada (*peixe /pexe, feira/fera, queijo/quejo, treino/treno*) foi – e ainda é – objeto de diversos estudos que se debruçam sobre o português, seja na variedade brasileira (PAIVA, 1986, 1996, 2004; BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES, 1997; LOPES, 2002; PEREIRA, 2004, dentre muitos outros) e em variedades como a são tomense (PASSOS, 2018) e a moçambicana (SALLES E TAMAYO, em andamento). Essas pesquisas, com base em diferentes *corpora*, buscaram revelar como se comporta o ditongo /ei/ em função de pressões linguísticas e sociais.

O processo de redução de ditongos se registra em fases pretéritas da história da língua. A realização variável dos ditongos decrescentes – /ai/, /ei/ e /ou/ – pode ser explicada fonologicamente através dos princípios que regem a formação de sílabas em Português. Bisol (1989, 2006) defende que tais ditongos variáveis seriam constituídos, na estrutura subjacente, apenas pela vogal nuclear, sendo a epêntese da semivogal um processo fonético resultante da assimilação de traços.

Contudo, os chamados dialetos insulares, isto é, normas características das ilhas atlânticas, que se constituem como regiões autônomas do território português, tendem a apresentar um comportamento destoante das demais normas de uso do Português no que concerne à ocorrência da variante monotongada. Estudos clássicos de Dialectologia Portuguesa (Cf, por exemplo, CINTRA, 1971, 1983; SEGURA, 2003; SEGURA E SARAMAGO, 1999) indicam serem ilhas atlânticas um *locus* de conservação do ditongo /ei/, sendo a redução “um fenômeno esporádico”. (CUNHA; CINTRA, 1984, p.19).

Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico fornecido pelo pacote RBrul. Com o tratamento metodológico oferecido pelo programa, espera-se descrever (i) a produtividade das variantes de realização do ditongo /ei/ no Português de Funchal, e (ii) os contextos estruturais e sociais que favoreceriam a forma reduzida.

A relevância do presente estudo se dá pelo pioneirismo no estudo da produção do ditongo /ei/ Ilha da Madeira, dado que não há, até o presente momento, estudos que se debruçam especificamente sobre a produção do ditongo na Ilha – que também é uma localidade relevante para o estudo panorâmico da produção de ditongos em Língua Portuguesa.

Para cumprir os objetivos traçados, o trabalho se subdivide nos seguintes capítulos: em (2), exploramos o que entendem por ditongo Bisol (1989) e Camara Jr. (1970); em (3), conceitua-se o arcabouço teórico-metodológico em que se baseou a presente investigação; em (4), busca-se recapitular brevemente a história da localidade conhecida como Ilha da Madeira, bem como sua relevância quanto ao fenômeno da redução do ditongo /ei/; em (5), estipulam-se os objetivos que nortearam a pesquisa, bem como as hipóteses levantadas; em (6), apresenta-se a metodologia empregada para a condução do trabalho; em (7), discutem-se os resultados da análise estatística, e, finalmente, em (8), tecem-se as considerações finais.

2. O DITONGO

Neste capítulo, buscamos conceituar e revisar o que entendem como ditongo os autores Camara Jr. (1970) e Bisol (1989)

2.1 Na perspectiva de Camara Jr. (1970)

Segundo Camara Jr (1970), o ditongo se constitui como o resultado de um elemento vocálico da língua que é modificado por outro, uma semivogal, na mesma sílaba. O entendimento que se tem da natureza do *glide*, bem como o de sua posição dentro da estrutura da sílaba é visto de formas de acordo com diferentes estudiosos da área. Camara Jr. (2011 [1970]) afirma que as semivogais ocupam posição de núcleo da sílaba, destarte um elemento de natureza vocálica, enquanto Bisol afirma ocuparem posição de coda, sendo assim, um elemento de natureza consonantal.

De toda forma, os encontros de tais segmentos, de acordo com as análises propostas pelos autores, podem ser categorizados como: ditongo crescente e ditongo decrescente. Ditongos crescentes são aqueles que apresentam a parte final mais proeminente (como em “quadro”), sendo formados pela sequência semivogal + vogal; e ditongos decrescentes são aqueles em que a parte inicial é mais proeminente que a parte final (como em “leite”), sendo formados por vogal + semivogal.

Camara Jr. afirma, que ditongos crescentes não são verdadeiros, pois verifica-se que há alternância entre a realização do segmento como hiato e como ditongo, como nas seguintes palavras: “quiabo” [ki’abu ~ ’kyabu], “iate” – [i.‘atI ~ ‚yatI], “suar” – [su’ah ~ ’swah] e “oeste” - [o’ɛʃtI ~ ‘wɛʃtI]. A única exceção a esta afirmação são os ditongos formados pela vogal assilábica /u/ quando precedida por uma plosiva labial diante de vogal silábica. Sendo assim, os únicos ditongos verdadeiros viriam a ser os decrescentes, como afirma o autor:

As vogais assilábicas, [...] formam com a silábica um centro de sílaba polifonemático em regra como ditongo decrescente, pois os ditongos crescentes se desfazem em hiatos sem qualquer valor distintivo (fiel, miolo, suar etc.), salvo se tem um /w/ com /q/ ou /g/ pré-vocálico (quais /qways/) (CAMARA Jr., 1977, p. 57)

Outro ponto a se considerar é o *status* vocálico atribuído pelo autor à semivogal. Ao refletir sobre a questão da representação do padrão silábico dos ditongos decrescentes, o autor argumenta que existem análises diferentes a serem feitas sobre o mesmo elemento, porque analisá-lo como VC pressupõe uma sílaba travada, ao passo que analisá-lo como VV se dá como uma sílaba aberta, sendo considerada a melhor, partindo-se do argumento de que o “r”

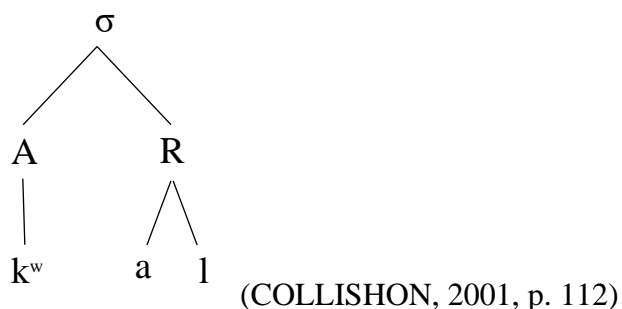
se apresenta como forte após uma sílaba travada, como nos exemplos *Is[r]ael* e *hon[r]a*; mas não depois de ditongos, assim como nos exemplos *au[r]ora* e *eu[r]opeu*, concluindo-se, dessarte, que a sílaba com ditongo não é travada.

Além disso, a facilidade de se passar de um ditongo para um monotongo (*c[ay]xa* sendo realizado como *c[a]xa*), a variação livre da divisão silábica em palavras em que há sequência átona de vogal + vogal alta, como em “vaidade” (podendo-se produzir *vai.da.de* ou *va.i.da.de*) e até mesmo a passagem de /i/ assilábico para [e] em *papa[e]* (*pap[ay]*) evidenciam que “os dois elementos V estão ligados ao núcleo” (COLLISHON, 2001, p. 113), o que reforça a hipótese de que o elemento semivocálico presente no ditongo seria de natureza vocálica e não consonantal.

2.2 Na perspectiva de Bisol (1989)

Bisol (1989), verifica que ditongos crescentes não seriam ditongos de fato, uma vez que apresentam variação entre a produção do hiato e a variante ditongada, ao passo que ditongos decrescentes não apresentam essa mesma variação. A autora, no entanto, ressalta a existência de um único ditongo crescente em que não se observa a alternância com o hiato, sendo ele [kw] ou [gw] seguidos de [a] ou [o]. Nesse caso, a sequência composta pela consoante velar/*glide* advém de “reminiscência do grupo latino [kw]/[gw], do qual a língua revela forte tendência a libertar-se” (COLLISHON, 2001, p. 111).

A explicação dada pela autora para que esse seja o único ditongo crescente cuja alternância com o hiato não é observada centra-se no fato de que a sequência consoante velar + glide é indicada no léxico como uma unidade monofonemática /k^w/ e /g^w/, em que o glide se situa no ataque não ramificado, formando com a vogal seguinte um ditongo crescente em nível pós-lexical, sendo o único nível em que se formam os ditongos crescentes, como é possível observar na imagem abaixo:

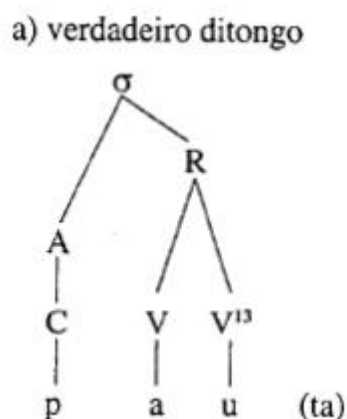


Entretanto, Collishon (2001) se posiciona de forma discordante em relação à posição de Camara Jr. quanto ao *status* das semivogais. A semivogal ocupa a posição de coda silábica – posição onde se encontram comumente as consoantes. Segundo a autora:

Nos ditongos decrescentes, os elementos [j] e [w] comutam com consoante (mar, mau). No nível subjacente, todas as semivogais são vogais altas, que se tornam glides durante o processo de silabação. Os ditongos decrescentes formam-se ainda no componente lexical enquanto os ditongos crescentes se formam no componente pós-lexical. (COLLISHON, 2001, p. 113)

Ademais, partindo da observação de que alguns ditongos apresentam variação com monotongos e outros não, a autora propõe uma análise sobre o fenômeno da monotongação que ocorre em alguns ditongos decrescentes. Cria-se, assim, uma oposição entre ditongos leves (ou falsos) e ditongos verdadeiros. A diferença entre um e outro reside no fato de que neste, o ditongo seria ligado a um único elemento vocálico, ao passo que, no outro, haveria ligação a dois elementos vocálicos.

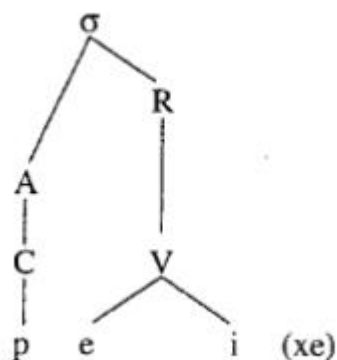
Bisol (1989) argumenta que os ditongos fonológicos seriam aqueles em que vogal e semivogal ocupariam as duas posições na camada CV ou camada prosódica. Ele seria invariante e apresentaria um núcleo ramificado em que a vogal alta manifesta-se foneticamente como glide e a segunda vogal se consonantiza por silabação, sendo a formação do glide uma instância particular do processo de silabação, conforme a imagem abaixo:



(BISOL, 1994, p. 132)

Por outro lado, os ditongos fonéticos seriam aqueles em que haveria somente uma vogal na estrutura subjacente, sendo o glide formado em nível mais próximo à superfície por assimilação de traços vocálicos da consoante que o sucede (a vibrante simples [r] ou as consoantes palatais [ʃ, ʒ]), sendo resultado de uma regra variável de expansão de traços da articulação secundária da consoante (assimilação por espraiamento), conforme a imagem abaixo:

b) ditongo leve (falso ditongo)



(BISOL, 1994, p.132)

Tendo em vista as definições apresentadas até então, convém ressaltar que são de extrema importância para a análise proposta, dado que elas caracterizam o ditongo selecionado como objeto deste estudo: o já mencionado ditongo /ei/.

3. TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Durante o início dos anos 60, surge uma vertente teórica da linguística que busca pensar a língua de maneira diferente à de suas antecessoras, sendo ela uma resposta à incapacidade do formalismo linguístico em tratar a questão da variação linguística. A então chamada *Sociolinguística* se diferenciava das vertentes de maior projeção na época (o estruturalismo e o gerativismo) por se propor a analisar a língua enquanto fenômeno social, ocupando-se do estudo da relação entre língua e sociedade, além do estudo da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Os estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) são tidos, até hoje, como estudos basilares que consolidaram os estudos sociolinguísticos e que pautam ainda qualquer análise sociolinguística proposta.

A Sociolinguística é compreendida, então, como a área da linguística que estuda a língua em sua dimensão social, isto é, sua relação com a sociedade. Lucchesi (2011), em uma síntese da proposta original de Weireich, Labov e Herzog (1968) apresenta os principais fundamentos da Teoria da Variação e Mudança, a saber:

- (i) A língua funciona enquanto muda;
- (ii) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada;
- (iii) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto

por regras e unidades variáveis;

(iv) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança);

(v) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua;

(vi) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua.

Logo, levando-se em consideração o uso real da língua, A Sociolinguística compreende como inerentes a variação e a mudança linguística, uma vez que é facilmente identificável que cada falante de um determinado idioma produz e utiliza a língua de formas diferentes, a depender de sua realidade social. A manifestação da língua acontece de diversas maneiras, a depender de quem ou de que grupo a utiliza. Sendo assim, define-se o objeto de estudo dessa ciência como sendo “A língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”. (LABOV, 2008 [1972], p. 13)

Parte-se do princípio de que a língua é uma instituição social que deve ser estudada levando em conta a correlação entre os aspectos estruturais e sociais. Objetiva-se, assim, entender quais são os princípios que favorecem a ocorrência de variação, verificando seu nível de ocorrência e quais são os fatores que propiciam tais mudanças, podendo ocorrer externamente, como motivações que sejam ideológicas, históricas, geográficas, sociais, entre outros, ou internamente à língua.

À época de sua criação, as duas correntes linguísticas que tinham maior, senão quase absoluta participação no cenário de estudos linguísticos, o gerativismo e o estruturalismo, descartam a variação como componente da estrutura linguística, o que faz com que sejam incapazes de propor análises que deem conta de fenômenos variáveis que ocorrem comumente dentro da língua. Nas palavras de Lucchesi (2011),

A Sociolinguística variacionista Laboviana surge como uma resposta à incapacidade do formalismo linguístico em tratar da questão da mudança. Para construir o objeto de estudo da Linguística Moderna, Saussure retirou a língua do seu devir histórico. Definindo a análise estrutural como exclusivamente sincrônica, o modelo saussuriano tornou-se incapaz de lidar com a questão da mudança.

A questão da mudança na teoria Laboviana é o eixo central sob o qual se constroem as análises sociolinguísticas, ao contrário do que postulavam as duas abordagens linguísticas de maior projeção. A doravante “Sociolinguística Variacionista” enxerga a língua como um sistema *heterogêneo*, ou seja, um sistema que compreende a variação como sendo um fator fundamental para análises da língua. Admite-se a língua como um sistema *heterogêneo e variável*: em que a realização da fala se dá de formas diferentes com relação a cada falante, segundo sua história e seu próprio contexto social. A presente definição faz com que a Sociolinguística defina necessariamente seu objeto de estudo como sendo a comunidade de fala, como afirma Labov (1982, p. 18), "o objeto da descrição lingüística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social."

Com base nos pressupostos apresentados anteriormente, assume-se que a realização fonética do ditongo /ei/ é um processo variável, condicionado por restrições de natureza linguística e por condições extralinguísticas, conforme demonstram diversos trabalhos sobre o tema. No que se refere aos dados analisados nesta pesquisa, parte-se do princípio de que os dados de Funchal apresentariam o mesmo comportamento das demais variedades do Português, em uma hipótese que contraria as afirmações que constam nos estudos clássicos de dialectologia portuguesa.

A noção de regra variável é de suma importância para o presente trabalho, pois a realização do ditongo /ei/, assim como outros ditongos em português, varia de acordo com o contexto em que é enunciado, como já constatado em estudos prévios de dialetologia da língua portuguesa, sejam eles sobre a variedade brasileira (PAIVA, 1986, 1996, 2004; BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES, 1997; LOPES, 2002; PEREIRA, 2004, dentre muitos outros), ou em outras, como a moçambicana (SALLES E TAMAYO, em andamento) e a são tomense (PASSOS, 2018).

4. O DITONGO /ei/ NA ILHA DA MADEIRA

Neste capítulo, abordaremos brevemente a história da colonização das Ilhas Atlânticas, com ênfase na Ilha da Madeira, bem como uma descrição de traços distintivos tanto das normas das ilhas atlânticas em geral, quanto da Ilha da Madeira, em específico, como apontadas em estudos como o de Cunha e Cintra (2001), Cintra (1971, 1983), Segura (2003) e Segura e Saramago (2003).

4.1 As ilhas atlânticas

As expansões marítimas do povo português no século XV tiveram como primeiros alvos as ilhas atlânticas que rodeiam a península ibérica, tanto pelo fácil acesso quanto pelas possibilidades monetárias que poderiam advir da colonização de tais lugares. A Ilha da Madeira foi a primeira área de ocupação portuguesa no Atlântico, servindo de modelo para colonização de outras áreas e um marco no processo de expansão marítima europeia durante o século XV.

Os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos de Açores e da Ilha da Madeira se mantêm como “prolongamento dos dialetos portugueses continentais” (CUNHA; CINTRA, 1984, p. 31) em que se observam as características fonéticas dos dialetos centro-meridionais, por não se encontrarem características distintivas dos dialetos setentrionais, como a neutralização da oposição entre [v] e [b] e a presença da africada [tʃ]. Quanto aos ditongos orais, ainda segundo os autores, “observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo [ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenômeno *esporádico*” (CUNHA E CINTRA, 1984, p. 31, grifo nosso).

Nesse sentido, a Ilha da Madeira se constitui como um caso excepcional dentro do português insular, devido à presença de traços que distinguem a norma madeirense tanto de outras normas continentais quanto de outras insulares. Assim, observa-se a ditongação de [u] em [aw] quando em sílaba tônica, como na produção de ['lawa] para *lua*; a ditongação de [i] em [aj] também em sílaba tônica, como em ['fajʎa] para *filha*; e a palatalização da lateral quando precedida por [i], como na produção de [vajʎa] por *vila*, ['fajʎa] por *fila* (Cunha e Cintra, 1984, p. 31). Entre outros traços distintivos da norma madeirense, destaca-se a conservação do ditongo /ei/, abordada abaixo, mesmo nos contextos em que outras variedades tê-lo-iam reduzido, segundo os autores.

4.2 A Ilha da Madeira como um *locus* de conservação do ditongo /ei/

A Ilha da Madeira, principal ilha do arquipélago da Madeira, situada a sudoeste da costa portuguesa, constitui junto a Porto Santo, Ilhas Desertas e Ilhas Selvagens, a Região Autónoma da Madeira, cuja capital é Funchal. Sua colonização se deu por volta de 1425, tendo sido iniciada pelo Infante D. Henrique que, após ser informado por dois de seus escudeiros de que havia uma ilha com condições apropriadas à colonização, organizou no ano seguinte uma expedição encabeçada por Zarco, Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, com intuito de iniciar o povoamento da Ilha. (DISNEY, 2011, p. 158) Apesar disso, o senhorio da terra somente ter-

lhe-ia sido concedido após 1433, depois de pedir a D. Duarte que lhe desse “generosos direitos senhoriais” (DISNEY, 2011, p. 158) sobre a ilha. A posse permaneceu nas mãos do infante até sua morte.

Após a reincorporação da Ilha à Coroa Portuguesa, intensificou-se o processo de modificação da ilha para que lembrasse cada vez mais a metrópole, “degradando irrecuperavelmente a biota indígena” (DISNEY, 2011, p. 159), o que fez com que a ilha se tornasse um local em que pessoas morariam, efetivamente, até tornar-se o que se conhece hoje me dia por “Ilha da Madeira”.

Atualmente, a ilha conta com uma população de aproximadamente 261.000 pessoas¹, sendo o Funchal sua cidade mais populosa. A economia da ilha gira principalmente em torno do turismo e a universidade mais proeminente é a Universidade da Madeira.

A Ilha da Madeira, local de recolha dos dados investigados neste trabalho, é reconhecidamente um local onde, em teoria, a realização do ditongo /ei/ seria predominantemente ditongada, seguindo a tendência apontada dentro dos estudos propostos sobre as variedades insulares.

Contudo, até o momento da publicação do presente estudo, não se encontram pesquisas que se debruçam em dados vindos especificamente da Ilha da Madeira. Este trabalho configura-se, então, como um estudo pioneiro na análise do da produção do ditongo /ei/ na Ilha da Madeira.

5. OBJETIVOS E HIPÓTESES

Este estudo tem por objetivo analisar a produção do ditongo /ei/ na região da Ilha da Madeira, a fim de avaliar como se dá sua produção, seja na forma monotongada, seja na forma ditongada, além de investigar quais fatores influenciam na produção de ambas as formas, oferecendo um panorama geral de sua produção na região.

A hipótese levantada é de que a realização do ditongo /ei/ dentro da Ilha da Madeira seria similar àquelas encontradas em outras variedades do português, isto é, que a realização do ditongo /ei/ se daria, de acordo com o contexto, de forma monotongada.

¹ Dados retirados do “Portal do Instituto Nacional de Estatística”. Disponível em: www.ine.pt. Acessado em 24/03/2022

6. METODOLOGIA

A metodologia que pauta o modelo teórico da sociolinguística quantitativa é composta por estágios importantes na busca por informações acuradas, dentre as etapas que foram seguidas para a condução deste estudo, destacam-se:

- (i) Seleção de informantes;
- (ii) Identificação das variáveis linguísticas e suas variantes;
- (iii) Processamento dos dados com o programa de análises estatística Rbrul de números, dado que se trata de uma análise de natureza estatística;
- (iv) Interpretação dos resultados, levando em conta os possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem o uso de uma variante sobre a outra.

Diante do quadro metodológico exposto, as hipóteses formuladas devem ser verificadas com exatidão e é necessário fazer um recorte preciso da comunidade a ser estudada. A seleção de informantes é parte crucial para que haja uma boa análise do fenômeno em estudo. Dessa forma, por se tratar de um estudo da língua em sua forma vernácula, os dados são coletados em situações naturais de conversação entre o entrevistador e o entrevistado, evitando-se, ao máximo, possíveis interferências do pesquisador.

Para tanto, seguindo o modelo teórico-metodológico proposto pela sociolinguística quantitativa, fez-se um levantamento de um *corpus* de língua falada que registra a variedade do português falada na comunidade da Ilha da Madeira, mais especificamente do Funchal, uma vez que, para se estudar fenômenos linguísticos em curso, não é necessário estudar cada falante nativo, apenas uma parte dos falantes consegue oferecer amostras suficientes para a condução do estudo e análises que advêm dele.

A seleção de informantes se deu a partir da composição de um *corpus* para análise de dados de 18 entrevistas com falantes nativos de diferentes origens e contextos sociais, em que se analisam fatores intra e extralinguísticos que possam contribuir para a análise da realização do ditongo /ei/, tanto em sua ditongação quanto em sua monotongação. As entrevistas foram extraídas do site *Corporaport* – Corpora de variedades do Português em análise, (disponível em <http://corporaport.lettras.ufrj.br>). Esse projeto é vinculado ao PPGLEV – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A análise do *corpus* foi conduzida delineando-se duas variáveis, donde uma foi subdividida de modo a dar dos diferentes contextos, tanto sociais quanto linguísticos, que possam proporcionar a realização monotongada: uma variável dependente (as três

possibilidades de produção do ditongo /ei/, isto é, as formas ditongadas [ey] / [əy] ou a forma monotongada [e]); e um conjunto de variáveis independentes, elencadas a seguir uma variável independente, subdividida de acordo com os critérios a seguir:

- (i) Sexo: seja masculino ou feminino;
- (ii) Idade: subdividida em faixa A (18 a 35 anos), faixa B (36 a 55 anos) e faixa C (mais de 56 anos);
- (iii) Escolaridade: subdividida em 1 (nível fundamental), nível 2 (nível médio) e 3 (nível superior);
- (iv) Contexto precedente ao ditongo;
- (v) Contexto subsequente ao ditongo;
- (vi) Localização morfológica do ditongo: seja na raiz da palavra, no sufixo ou na desinência verbal;
- (vii) Localização do ditongo na palavra: seja em posição medial, isto é, dentro do vocábulo ou em posição final do vocábulo, em interface com outras palavras;
- (viii) Dimensão do vocábulo: se se trata de um monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo
- (ix) Classificação do vocábulo: subdividindo-se em nomes (adjetivos, substantivos, advérbios) e verbos.

Observam-se entre os critérios de análise supracitados que se procurou atentar tanto às variáveis extralinguísticas (sexo, idade e escolaridade), dado que esses são fatores externos que podem influenciar a ocorrência do fenômeno em estudo quanto às variáveis linguísticas, isto é, as possibilidades de análise contextual que acontecem a nível linguístico.

As variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para o estudo podem ser vistas nos quadros 1, 2 e 3.

Quadro 1 – Variável dependente

| Variante | Exemplo |
|------------------------|--------------------------------------|
| Monotongação [e] | inteiro - [ĩ'terɔ] |
| Ditongação [ey] / [əy] | jeito - ['ʒeytɔ] / receio -[hi'səyɔ] |

Quadro 2 – Variáveis linguísticas

| Contexto precedente | Exemplo |
|--------------------------------|----------------------------|
| Vazio | eiras - [‘erɐ] |
| Fricativa | cruzeiro - [kru‘zeru] |
| Nasal | primeiro - [pri‘meru] |
| Tepe | namorei - [namu‘rey] |
| Oclusivas | cadeiras - [kɐ‘derɐ] |
| Aproximantes laterais | brasileiros - [brazi‘leru] |
| Contexto subsequente | Exemplo |
| Pausa | hóquei - [‘ɔkei] |
| Fricativa pós-alveolar sonora | beijinho - [be‘ziɲe] |
| Fricativa pós-alveolar surda | deixamos - [de‘ʃamu] |
| Tepe | carreira - [kɐ‘ɾerɐ] |
| Demais contextos | veio - [‘veju] |
| Localização Morfológica | Exemplo |
| Raíz | madeira - [ma‘derɐ] |
| Sufixo | asneira - [aʒ‘nerɐ] |
| Desinência Verbal | trabalhei [trabɐ‘kei] |
| Localização fonológica | Exemplo |
| Medial | maneira - [mɐ‘nerɐ] |
| Final | vôlei - [‘vɔlei] |
| Dimensão do vocábulo | Exemplo |

| | |
|---------------------------------------|--------------------------|
| Monossílabo | sei - [ˈsey] |
| Dissílabo | deixou - [deˈʃow] |
| Trissílabo | ribeira - [xaˈberɐ] |
| Polissílabo | madeirense - [madeˈrɛsi] |
| Classe morfológica do vocábulo | Exemplo |
| Verbos | casei - [cɐˈzey] |
| Nomes | dinheiro - [diˈɲɐɾu] |

Quadro 3 – Variáveis extralinguísticas

| | |
|--------------|--|
| Sexo | Feminino |
| | Masculino |
| Idade | 18 a 35 anos |
| | 35 a 55 anos |
| | Mais de 56 anos |
| Escolaridade | Ensino fundamental completo |
| | Ensino médio completo |
| | Ensino superior completo ou incompleto |

7. ANÁLISE DOS DADOS

7.1 Resultados gerais

A análise dos dados através do programa Rbrul revelou que as variantes analisadas - [ey], [əy] e [e] – se distribuem de acordo com os padrões expressos na tabela 1, a seguir.

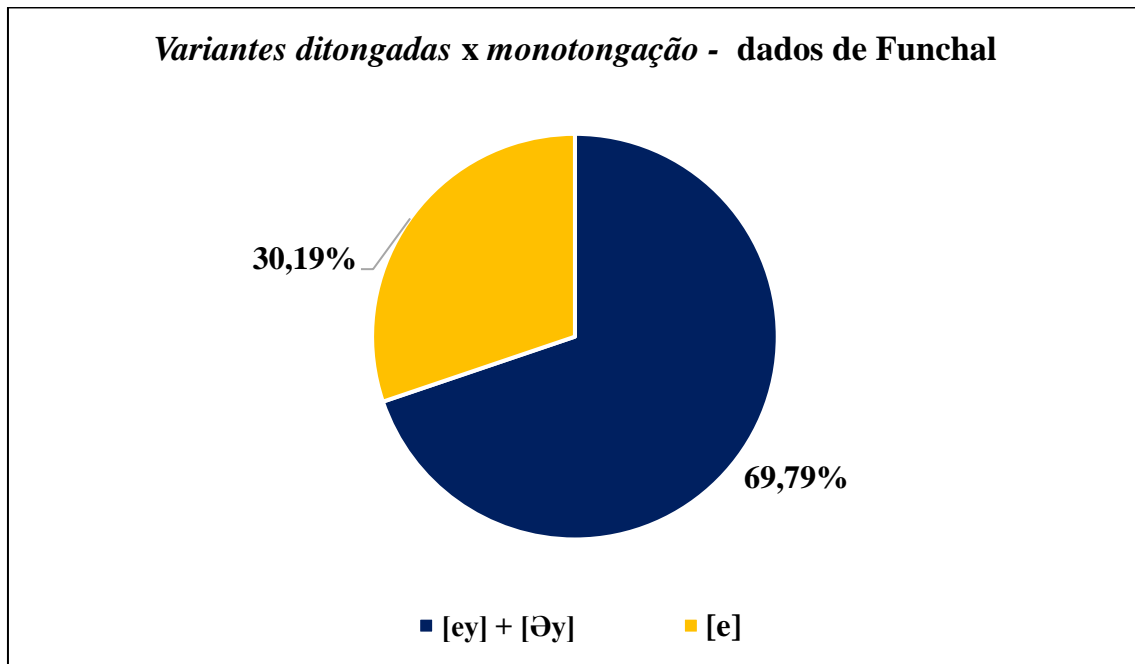
Tabela 1 – distribuição geral das variantes

| variante | [ey] | [əy] | [e] |
|-----------------|-------------------|------------------------|---------------------|
| exemplo | lei - [ˈley] | desfeita - [diʃˈfəyta] | madeira - [mɐˈdɛra] |
| Apl/T | 701/1202 = 58,31% | 138/1202 = 11,48% | 363/1202 = 30,19% |

Como é possível observar acima, é bastante produtiva, nos dados de Funchal, a realização de /ei/ como variantes ditongadas, com predomínio da expressão [ey], com 58,31% das ocorrências. A realização [əy] – norma nas variedades continentais do Português Europeu – corresponde a 11,48% das ocorrências, enquanto a variante monotongada, [e], se verifica em 30,19% dos dados analisados.

Os resultados expostos contrariam as afirmações que constam nos estudos dialectológicos sobre as características dos falares insulares, tratados como espaços de resistência para a aplicação da regra de redução de ditongos, conforme visto no capítulo 4 desta investigação. No gráfico 1, abaixo, os dados são apresentados opondo as variantes ditongadas à variante monotongada, o que nos permite observar que – apesar da alta frequência para a manutenção do ditongo – a regra de monontongação é aplicada de forma expressiva na comunidade.

Gráfico 1 – distribuição das variantes de /ei/ em Funchal (variantes ditongadas *versus* monotongação)



Como fica explícito através dos dados, a realização de /ei/ através de expressões fonéticas ditongadas é a norma da comunidade em análise, mas não uma regra categórica, como fazem supor as descrições disponíveis sobre os dialetos insulares, resenhadas anteriormente neste trabalho. Dessa forma, cabe investigar se os contextos que favorecem a implementação da variante monotongada são os mesmos que atuam para a redução de /ei/ no Português Brasileiro e em outras variedades do Português com descrições disponíveis acerca da realização desse segmento. Os resultados das análises estatísticas são discutidos a seguir.

7.2 Análise das variáveis relevantes

No quadro 4, abaixo, indicam-se as variáveis estatisticamente relevantes para a implementação de [e] na comunidade de Funchal e seus respectivos índices de significância (o *p-value*). As análises, realizadas com o auxílio do software Rbrul, indicam que concorrem para a monotongação de /ei/ na comunidade quatro variáveis de natureza linguística – contextos subsequente e precedente ao ditongo, classe morfológica e número de sílabas do vocábulo – e uma variável social – a faixa etária a que pertence o indivíduo.

Quadro 4 – variáveis relevantes

| variável | Contexto Subsequente | Contexto Precedente | Faixa Etária | Classe morfológica | Número de sílabas |
|-----------------|-----------------------------|----------------------------|---------------------|---------------------------|--------------------------|
| <i>p-value</i> | 3.39e-185 | 1.68e-07 | 0.000537 | 0.00282 | 0.044 |

Dessa forma, é possível depreender que, ao contrário do que fora apontado em estudos prévios sobre os dialetos insulares, a Ilha da Madeira não se mostra um *locus* de conservação do ditongo /ei/. Pelo contrário, a redução se mostra mais produtiva em contextos análogos aos que se apresentam em análises de outras variedades do português, como, por exemplo, diante de consoantes fricativas pós-alveolares, tepe e palavras com três ou mais sílabas. De modo contrário ao que se observa em outras variedades do português, o contexto precedente se mostrou, em nossa análise, altamente relevante para o fenômeno da redução.

Na tabela 2, a seguir, apresentam-se os percentuais e os pesos relativos para a variável contexto subsequente ao ditongo /ei/, variável mais saliente para a implementação da monotongação nos dados investigados.

Tabela 2– contexto subsequente ao ditongo

| variável | <i>p-value</i> | variantes | exemplo | <i>logodds</i> | Ap/T | PR |
|---------------------------------|----------------|------------------|-----------------------------|----------------|-----------------|-------------|
| Contexto subsequente ao ditongo | 3.39e-185 | [ʒ] | beijo - [ˈbeʒu] | 3.069 | 8/9 = 88,8% | .956 |
| | | [r] | brasileiros - [braziˈleɾuʃ] | 2.474 | 297/349 = 85,1% | .923 |
| | | [ʃ] | deixados - [deˈʃaduʃ] | 0.962 | 48/89 = 53,9% | .724 |
| | | Demais contextos | jeitinho - [ʒeyˈtĩnu] | -2.333 | 18/345 = 5,2% | .088 |
| | | pausa | tomei - [tuˈmey] | -4,175 | 7/410 = 1,7% | .015 |

No que diz respeito ao contexto subsequente ao ditongo, cujos resultados estão expressos acima, observou-se que a redução se dá praticamente de forma categórica quando a consoante que o sucede é uma fricativa alveolar sonora [ʒ] ou o tepe [r]. Com relação à consoante fricativa surda [ʃ], a redução ainda se mostra produtiva, porém como uma taxa menor de aplicação da regra. Os demais contextos não se mostraram relevantes quanto à redução do ditongo.

Na tabela 3, abaixo, apresentam-se os índices percentuais e estatísticos para a variável contexto precedente a /ei/, a segunda variável relevante para a ocorrência da monotongação nos dados aqui analisados.

Inicialmente, foi feito o controle do segmento que figurava no ataque da sílaba cujo núcleo era o ditongo /ei/. Contudo, em função da quantidade de dados categóricos, os contextos foram reagrupados em função do modo de articulação da consoante que precede o ditongo.

Tabela 3 – Contexto precedente ao ditongo

| variável | <i>p-value</i> | variantes | Exemplo | <i>logodds</i> | Apl/T | PR |
|--------------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------------------|-----------------------|-----------------|-------------|
| Contexto precedente ao ditongo | 1.68e-07 | Ataques complexos | Playstation - [pleʃˈteʃẽ] | 0.884 | 2/20 = 10% | .708 |
| | | nasais | Engenheiros - [ĩʒiˈneruʃ] | 0.727 | 139/238 = 58,4% | .674 |
| | | oclusivas | Cadeiras - [kɐˈdeɾɐʃ] | 0.493 | 150/352 = 42,6% | .621 |
| | | laterais | Brasileiros - [bɾaziˈleɾuʃ] | -0.462 | 36/158 = 22,7% | .366 |
| | | fricativas | Aveiro - [aˈveɾu] | -0.565 | 47/419 = 11,2% | .362 |
| | | Ataques vazios | Candeeiro - [kãdiˈeɾu] | -1.078 | 4/13 = 30,7% | .254 |

Com relação ao contexto precedente, a redução se mostrou mais produtiva em contextos em que o ditongo é precedido por ataques complexos, consoantes nasais e consoantes oclusivas, sendo as consoantes laterais, as fricativas e os ataques vazios contextos em que a redução não se mostrou produtiva.

A maior taxa de aplicação da regra se deu em contextos em que o ditongo é precedido por um ataque complexo. É fato que, em outras variedades do português, esse não seja um

contexto que favorece a redução do ditongo. Contudo, observa-se essa redução repetidamente, por exemplo, na palavra estrangeira *playstation*, realizada como [plej̃ˈtej̃ẽ]. No processo de composição através da união de dois radicais de origem inglesa (play e station), ocorrem ajustes na estrutura fonológica dos radicais primitivos, com a realização monotongada nos dois ditongos que figuram nas palavras originais.

A tabela 4, a seguir, apresenta os valores percentuais e os pesos relativos para a variável classe do vocábulo em que figura o ditongo /ei/.

Tabela 4 – Classe do vocábulo

| variável | p-value | variantes | exemplo | logodds | Apl/T | PR |
|--------------------|----------------|------------------|-------------------------|----------------|-----------------|-------------|
| Classe do vocábulo | 0.00282 | nomes | dinheiro - [diˈjɛrɔ] | -0.62 | 323/631 = 51,1% | .350 |
| | | verbos | deixo - [ˈdɛʃɔ] | 0.62 | 55/571 = 9,6% | .650 |

Em nossas análises, observou-se que a classe dos verbos apresentou maiores índices de redução do ditongo, com um peso relativo de 0.650. Contudo, observa-se que a regra da redução obteve uma aplicação de 9,6% em 571 dados. Dentre as amostras de verbos, frequentemente repete-se o mesmo item lexical em que a redução é observada, como na palavra “dinheiro”, vocábulo regularmente empregado na fala de diversos falantes. Portanto, fez-se necessário um levantamento lexical, a fim de checar quais itens se repetem, levando ao aumento da aplicação da regra, como se pode observar na tabela 5, abaixo.

Tabela 5 - Análise dos *types*²

| Itens mais frequentes | Apl/T |
|------------------------------|---------------|
| Primeiro(a)(s) | 47/51 = 92,1% |
| Madeira | 40/41 = 97,5% |
| Deixar | 36/42 = 85,7% |

² Ver em anexo a tabela completa com todos os itens lexicais verificados no conjunto de dados e suas respectivas taxas de aplicação da regra de monotongação.

| | |
|------------------|----------------|
| Dinheiro | 38/38 = 100% |
| Maneira | 32/35 = 91,4% |
| Cadeira(s) | 15/15 = 100% |
| Madeirense | 15/15 = 100% |
| Financeiro(a)(s) | 10/12 = 83,3 % |
| Brincadeira | 11/11 = 100% |
| Porreiro(a)(s) | 10/10 = 100% |

Ao todo, foram levantados 232 vocábulos diferentes em que se observam ditongos, de um total de 1202 dados. Do todo, separamos os vocábulos que tem, no mínimo, dez ocorrências monotongadas.

A análise qualitativa dos *types* revelou que o item “deixar” e suas diferentes conjugações são realizados como monotongos tão frequentemente que são capazes alterar os resultados, fazendo com que a análise aponte que, em verbos, exista uma aplicação maior da regra de monotongação do que na classe dos nomes.

Dentre os fatores intralinguísticos relevantes para a investigação proposta, o último a se mostrar relevante para a investigação proposta foi o número de sílabas, conforme é possível verificar na tabela 6, a seguir.

Tabela 6 – Número de sílabas

| variável | <i>p-value</i> | variantes | Exemplo | <i>logodds</i> | Apl/T | PR |
|-------------------|----------------|-------------------|--------------------------|----------------|-----------------|-------------|
| Número de sílabas | 0.044 | 1 sílaba | Sei - [se] | -0.614 | 7/155 = 4,5% | .351 |
| | | 2 sílabas | Feira - [ˈferɐ] | -0.313 | 56/422 = 13,2% | .422 |
| | | 3 sílabas | Maneira - [maneˈrɐ] | 0.267 | 243/484 = 50,2% | .566 |
| | | 4 ou mais sílabas | Financeiro - [finãˈserɔ] | 0.659 | 72/141 = 51% | .659 |

A dimensão da palavra se mostrou como um condicionamento atuante, na medida em que vocábulos trissilábicos e polissilábicos são os contextos que mais favorecem a implementação da variante monotongada, com .566 e .659 de peso relativo, respectivamente. Vocábulos monossilábicos e dissilábicos tendem a manter a realização ditongada para /ei/.

Por fim, a única variável extralinguística relevante para a aplicação da regra de monotongação foi a faixa etária a que pertence o informante. Os resultados percentuais e estatísticos para a variável estão expressos na tabela 7, a seguir:

Tabela 7 – Faixa Etária

| variável | <i>p-value</i> | variantes | <i>logodds</i> | Apl/T | PR |
|-----------------|-----------------------|------------------|-----------------------|-----------------|-------------|
| Faixa Etária | 0.000537 | 18 a 35 anos | 0.375 | 107/358 = 29,8% | .593 |
| | | 36 a 55 anos | -0.618 | 118/429 = 27,5% | .350 |
| | | Mais de 56 anos | 0.242 | 153/415 = 36,8% | .560 |

De acordo com os resultados expostos na tabela acima, as faixas A e C – que correspondem aos indivíduos adultos jovens e os adultos mais velhos da comunidade, respectivamente – se mostraram contextos etários em que a redução foi mais favorecida. Os resultados aqui apresentados sugerem que estamos diante de um fenômeno de variação estável na comunidade, uma vez que, somente os indivíduos adultos tendem a desfavorecer a variante [e], havendo uma certa equivalência no comportamento dos mais jovens e dos mais velhos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo de investigar o comportamento variável do ditongo /ei/ na variedade do insular do Português Europeu, esta pesquisa procedeu à coleta de dados em entrevistas sociolinguísticas realizadas na comunidade e na análise das ocorrências com o suporte do software Rbrul.

As análises revelaram que a redução de /ei/ é um processo produtivo na comunidade – comportamento contrário ao descrito em obras clássicas da Dialectologia Portuguesa – e condicionado essencialmente por variáveis de natureza linguística. A única variável de natureza social estatisticamente foi a faixa etária a que o informante pertence, condicionamento que atua no sentido de mostrar a estabilidade no processo de implementação da variante monotongada.

No que se refere à análise quantitativa realizada nesta, foi possível constatar as seguintes tendências:

(i) quanto ao contexto subsequente ao ditongo, variável mais relevante para a análise, os resultados mostraram que a variedade madeirense se comporta como outras variedades do português, isto é, a regra de monotongação de /ei/ tende a ser aplicada diante das fricativas pós-alveolares e do tepe;

(ii) no que concerne à variável contexto precedente, a análise estatística mostrou que, ao contrário do observado em outras variedades, a natureza do segmento que precede o núcleo complexo é um condicionamento relevante, na medida em que a monotongação de /ei/ é favorecida diante de ataques complexos, consoantes nasais e consoantes oclusivas.

(iii) com relação à classe do vocábulo, os dados demonstraram que há uma maior probabilidade de aplicação da regra em verbos, enquanto a classe dos nomes tende a bloquear a implementação da variante monotongada. Contudo, a análise qualitativa dos *types* revelou que essa tendência está correlacionada à repetição, no *corpus*, do item **deixar** e suas variações, o que leva à alta probabilidade de aplicação da regra na classe dos verbos;

(iv) quanto à variável número de sílabas, a análise dos dados expôs que existe uma maior aplicação da regra da monotongação em itens lexicais que contêm mais de 3 sílabas. Isso se dá pelo fato de a língua tender à simplificação da forma sem que haja prejuízos para o conteúdo semântico, o que é observado, por exemplo, em processos de alteamento vocálico em palavras tri ou polissilábicas como “tangerina” ou “colégio”. Assim, a simplificação do ditongo se dá como uma forma de abreviar palavras maiores sem que haja perda de conteúdo semântico.

(v) quanto à faixa etária, única variável extralinguística que se mostrou relevante para a análise, as faixas A e C se mostraram contextos em que a redução se mostra favorecida, o que sugere que estamos diante de um fenômeno de variação estável, já que somente adultos parecem desfavorecer a variante [e].

Desse modo, foi possível estabelecer que, ao contrário do que apontaram outros estudos de dialetologia portuguesa, a Ilha da Madeira não se constitui um *locus* de conservação do ditongo, tendo, na verdade, comportamento muito parecido ao de outras variedades. Ainda há, contudo, muito a ser investigado sobre o processo variável de monotongação dos ditongos decrescentes na comunidade. Pretende-se, em etapas futuras, ampliar o *corpus* a ser investigado e, se possível, atrelar à análise quantitativa dos dados de entrevistas sociolinguísticas outras metodologias de investigação, de modo a, simultaneamente, mapear a dimensão quantitativa do fenômeno e a avaliação da variante monotongada na comunidade de Funchal.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, Leda. **Ditongos derivados**. D.E.L.T.A, v.10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, Leda. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual**. D.E.L.T.A, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro / org.** 3ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CAMARA JR., Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CAMARA JR., Joaquim M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1977.
- CINTRA, L.F.L. **Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses**. Estudos de dialectologia portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1983. p. 117-164.
- COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DISNEY, A. R. **História de Portugal e do Império português**. 1ª edição. Lisboa: Guerra e Paz, Editores S. A., 2011.
- GONÇALVES, C.A. **Ditongos decrescentes: variação & ensino**. Revista de Estudos da Linguagem, v.6, n.5, p. 159-192, jan/jul 1997.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. Oxford: WileyBlackwell, 2010.
- LOPES, R. **A realização variável do ditongo /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.
- LUCCHESI, D. (2016). **A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), 41(2), 793–805. Recuperado de <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1198>

NUNES, N. **Os “dialectos madeirenses” e a história da língua portuguesa.** In: **Livro de comunicações do colóquio “Culturas de periferias e insularidade”.** Funchal: Departamento de Cultura da Câmara Municipal, 1999. p. 81-91.

PAIVA, M. C. **Supressão de semivogais em ditongos decrescentes.** In: NARO, A. et. al . Relatório final do projeto “Subsídios sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação”. Rio de Janeiro; Faculdade de Letras da UFRJ.

PAIVA, M.C. **Nova abordagem de velhos fenômenos.** Boletim da Abralín 15. 1994, p. 262-267.

PAIVA, M.C. **Percurso de monotongação de [ey]: observações no tempo real.** In: PAIVA, M.C; DUARTE, M.E.L. (org). Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2004. p. 31-46.

PASSOS, Raphaela Ribeiro. **O ditongo /ei/ na fala de São Tomé.** In: BRANDÃO, S.F. (org). Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 177-200.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SEGURA DA CRUZ, L.; SARAMAGO, J. **Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais.** In: HUB FARIA, I. (org). Lindley Cintra: homenagem ao mestre e ao cidadão. Lisboa: Edição Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. p. 707-738.

SEGURA, L. **Varição dialectal no território português: conexões com o Brasil.** In: BRANDÃO, S.F; MOTA, M. A, (org). Análise contrastiva de variedades do Português. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 181-194

ANEXO

| Levantamento lexical - ILHA DA MADEIRA - ABC | | | |
|--|--------------------|--------------------------|--------|
| Item lexical | Ocorrências totais | Ocorrências monotongadas | Apl/T |
| Primeiro.a.s | 51 | 47 | 92,10% |
| Madeira | 41 | 40 | 97,50% |
| Dinheiro | 38 | 38 | 100% |
| Deixar (1o dit.) | 42 | 36 | 85,70% |
| Maneira | 35 | 32 | 91,40% |
| Cadeira.s | 15 | 15 | 100% |
| Madeirense | 15 | 15 | 100% |
| Brincadeira | 11 | 11 | 100% |
| Financeiro.a.s | 12 | 10 | 83,30% |
| Porreiro.a.s | 10 | 10 | 100% |
| Feiticeira | 6 | 6 | 100% |
| Feveiro | 6 | 6 | 100% |
| Companheirismo | 5 | 5 | 100% |
| Estrangeiro | 6 | 5 | 83% |
| Barreiro.s | 4 | 4 | 100% |
| Feira | 6 | 4 | 67% |
| Hospedeiro.a.s | 4 | 4 | 100% |
| Queixa | 4 | 4 | 100% |
| Terceiro | 5 | 4 | 80% |
| Asneiras | 4 | 3 | 75% |
| Beijo / Beijinho | 4 | 3 | 75% |
| Carreira | 3 | 3 | 100% |
| Haveiro | 3 | 3 | 100% |
| Queijo | 3 | 3 | 100% |
| Ribeira | 3 | 3 | 100% |
| Beira | 2 | 2 | 100% |
| Brindeiro | 2 | 2 | 100% |
| Canavieira | 2 | 2 | 100% |
| Carneiros | 2 | 2 | 100% |
| Cruzeiro.s | 3 | 2 | 67% |
| Disponíveis | 2 | 2 | 100% |
| Feito.a.s | 28 | 2 | 7% |
| Fileira | 2 | 2 | 100% |
| Inteiro.a | 3 | 2 | 67% |
| Manteiga | 2 | 2 | 100% |

| | | | |
|-----------------------|-----|---|------|
| Pinheiro | 2 | 2 | 100% |
| Playstation | 2 | 2 | 100% |
| Queirós | 2 | 2 | 100% |
| Sei | 116 | 2 | 2% |
| Solteira | 2 | 2 | 100% |
| Automóveis | 1 | 1 | 100% |
| Bananeira | 1 | 1 | 100% |
| Banheirinha | 1 | 1 | 100% |
| Barulheira | 1 | 1 | 100% |
| Beijar | 1 | 1 | 100% |
| Bideirinha | 1 | 1 | 100% |
| Candeeiro | 1 | 1 | 100% |
| Carteira | 2 | 1 | 50% |
| Conselheiro | 1 | 1 | 100% |
| Conserveira | 1 | 1 | 100% |
| Dei | 7 | 1 | 14% |
| Dezesseis | 1 | 1 | 100% |
| Eira.s | 1 | 1 | 100% |
| Enganei | 3 | 1 | 33% |
| Engenheiro | 2 | 1 | 50% |
| Especializei | 1 | 1 | 100% |
| feijão | 1 | 1 | 100% |
| Ferreira | 1 | 1 | 100% |
| Financeiramente | 1 | 1 | 100% |
| Fronteira | 1 | 1 | 100% |
| Guloseimas | 6 | 1 | 17% |
| Habituei | 2 | 1 | 50% |
| Isqueiro | 1 | 1 | 100% |
| Jeito.s | 5 | 1 | 20% |
| Leiteiro (2o ditongo) | 1 | 1 | 100% |
| Nogueira | 1 | 1 | 100% |
| Pandeireta | 1 | 1 | 100% |
| Peixe | 1 | 1 | 100% |
| Pereira | 1 | 1 | 100% |
| Queira.s | 4 | 1 | 25% |
| Raiz | 4 | 1 | 25% |
| Transmissíveis | 1 | 1 | 100% |
| Verdadeiramente | 1 | 1 | 100% |
| Virei | 1 | 1 | 100% |

| | | | |
|----------------------|----|---|----|
| Acabei | 11 | 0 | 0% |
| Aceitar (1o ditongo) | 9 | 0 | 0% |
| Aceitei | 1 | 0 | 0% |
| Acessíveis | 1 | 0 | 0% |
| Achei | 8 | 0 | 0% |
| Acompanhei | 1 | 0 | 0% |
| Adorei | 1 | 0 | 0% |
| Agarrei | 1 | 0 | 0% |
| Agradáveis | 1 | 0 | 0% |
| Alheio.a.s | 1 | 0 | 0% |
| Amarrei | 1 | 0 | 0% |
| Andei | 9 | 0 | 0% |
| Apanhei | 3 | 0 | 0% |
| Aproveitar (1o dit) | 6 | 0 | 0% |
| Aproveitei | 2 | 0 | 0% |
| Assujeitar | 3 | 0 | 0% |
| Atinei | 1 | 0 | 0% |
| Atravessei | 1 | 0 | 0% |
| Azeite | 11 | 0 | 0% |
| Baleia | 1 | 0 | 0% |
| Banqueiro | 1 | 0 | 0% |
| Barreira | 1 | 0 | 0% |
| Beberei | 1 | 0 | 0% |
| Beijo.s | 2 | 0 | 0% |
| Beira | 1 | 0 | 0% |
| BRasileiro.a | 2 | 0 | 0% |
| Cadeia | 2 | 0 | 0% |
| Candidatei | 1 | 0 | 0% |
| Carreiro | 1 | 0 | 0% |
| Casei | 1 | 0 | 0% |
| Ceia | 1 | 0 | 0% |
| Ceguei | 25 | 0 | 0% |
| Cheio.a.s | 9 | 0 | 0% |
| Cheiro | 1 | 0 | 0% |
| Chorei | 1 | 0 | 0% |
| Chumbei | 1 | 0 | 0% |
| Combustíveis | 1 | 0 | 0% |
| Comecei | 18 | 0 | 0% |
| Comentei | 1 | 0 | 0% |

| | | | |
|------------------|----|---|----|
| Comprei | 1 | 0 | 0% |
| Conceito | 4 | 0 | 0% |
| Conceituado | 1 | 0 | 0% |
| Contactei | 2 | 0 | 0% |
| Contei | 1 | 0 | 0% |
| Continuei | 1 | 0 | 0% |
| Decorei | 1 | 0 | 0% |
| Defeito | 2 | 0 | 0% |
| Deitar | 7 | 0 | 0% |
| Deixei (2o dit.) | 2 | 0 | 0% |
| Demorei | 1 | 0 | 0% |
| Desagradaveis | 1 | 0 | 0% |
| Desatei | 1 | 0 | 0% |
| Desfeita | 1 | 0 | 0% |
| Difíceis | 3 | 0 | 0% |
| Direito.a.s | 21 | 0 | 0% |
| Diritinho | 1 | 0 | 0% |
| Efeito | 1 | 0 | 0% |
| Eiffel | 1 | 0 | 0% |
| Eleições | 7 | 0 | 0% |
| Eleitores | 1 | 0 | 0% |
| Encadeio | 1 | 0 | 0% |
| Encontrei | 2 | 0 | 0% |
| Encostei | 1 | 0 | 0% |
| Endireitar | 1 | 0 | 0% |
| Enquadrei | 1 | 0 | 0% |
| Entrei | 9 | 0 | 0% |
| Estimei | 2 | 0 | 0% |
| Estranhei | 2 | 0 | 0% |
| Estreito.a.s | 2 | 0 | 0% |
| Estudei | 3 | 0 | 0% |
| Experimentei | 1 | 0 | 0% |
| Falei | 3 | 0 | 0% |
| Faltei | 1 | 0 | 0% |
| Fascinei | 1 | 0 | 0% |
| Feio.a.s | 3 | 0 | 0% |
| Fiquei | 20 | 0 | 0% |
| Frequentei | 1 | 0 | 0% |
| Gostei | 26 | 0 | 0% |

| | | | |
|-----------------------|----|---|----|
| Gouveia | 1 | 0 | 0% |
| Guardai | 2 | 0 | 0% |
| Haveirense | 1 | 0 | 0% |
| Hei | 2 | 0 | 0% |
| Hóquei | 1 | 0 | 0% |
| Hospitaleiras | 1 | 0 | 0% |
| Informei | 2 | 0 | 0% |
| Integrei | 1 | 0 | 0% |
| Jeitinho | 1 | 0 | 0% |
| Jeitoso | 1 | 0 | 0% |
| Joeiras | 3 | 0 | 0% |
| Joguei | 2 | 0 | 0% |
| Lei.s | 13 | 0 | 0% |
| Leio | 1 | 0 | 0% |
| Leiria | 2 | 0 | 0% |
| Leite | 5 | 0 | 0% |
| Leiteiro (1o ditongo) | 1 | 0 | 0% |
| Leitor | 1 | 0 | 0% |
| Leitura | 2 | 0 | 0% |
| Leitura | 1 | 0 | 0% |
| Levei | 2 | 0 | 0% |
| Mandei | 3 | 0 | 0% |
| Meigo | 1 | 0 | 0% |
| Meio.s / Meia.s | 61 | 0 | 0% |
| Montei | 1 | 0 | 0% |
| Morei | 1 | 0 | 0% |
| Mudei | 1 | 0 | 0% |
| Mudei | 1 | 0 | 0% |
| Namorei | 1 | 0 | 0% |
| Níveis | 2 | 0 | 0% |
| Paguei | 3 | 0 | 0% |
| Parei | 2 | 0 | 0% |
| Participei | 1 | 0 | 0% |
| Passear | 2 | 0 | 0% |
| Passei | 13 | 0 | 0% |
| Passeio | 8 | 0 | 0% |
| Peguei | 2 | 0 | 0% |
| Peito | 1 | 0 | 0% |
| Pensei | 5 | 0 | 0% |

| | | | |
|----------------------|----|---|----|
| Perfeitamente | 3 | 0 | 0% |
| Perguntei | 1 | 0 | 0% |
| Pintei | 1 | 0 | 0% |
| Pratiquei | 2 | 0 | 0% |
| Preconceito | 1 | 0 | 0% |
| Preocupei | 1 | 0 | 0% |
| Procurei | 1 | 0 | 0% |
| Puxei | 1 | 0 | 0% |
| Rasguei | 1 | 0 | 0% |
| Receio | 4 | 0 | 0% |
| Refeições | 2 | 0 | 0% |
| Rei | 1 | 0 | 0% |
| Reinados | 2 | 0 | 0% |
| Reinar | 1 | 0 | 0% |
| Reparei | 1 | 0 | 0% |
| Respeitar | 15 | 0 | 0% |
| Respeito | 12 | 0 | 0% |
| Responsáveis | 1 | 0 | 0% |
| Satisfeito.a.s | 7 | 0 | 0% |
| Saudáveis | 1 | 0 | 0% |
| Seis (6) | 13 | 0 | 0% |
| Seixelas | 1 | 0 | 0% |
| Sonhei | 1 | 0 | 0% |
| Sujeitar | 3 | 0 | 0% |
| Telemoveis | 5 | 0 | 0% |
| Tentei | 1 | 0 | 0% |
| Terminei | 2 | 0 | 0% |
| Terreiro | 5 | 0 | 0% |
| Tirei | 12 | 0 | 0% |
| Tomei | 1 | 0 | 0% |
| Torneira | 1 | 0 | 0% |
| Trabalhei | 23 | 0 | 0% |
| Treinador.e.s | 1 | 0 | 0% |
| Treinar (1o ditongo) | 5 | 0 | 0% |
| Treinei | 2 | 0 | 0% |
| Tropecei | 1 | 0 | 0% |
| Túneis | 2 | 0 | 0% |
| Usei | 2 | 0 | 0% |
| Veio | 41 | 0 | 0% |

| | | | |
|----------|---|---|----|
| Viajei | 3 | 0 | 0% |
| Visitei | 4 | 0 | 0% |
| Visíveis | 1 | 0 | 0% |
| Volei | 1 | 0 | 0% |

FOLHA DE AVALIAÇÃO

SERGIO LUIZ KARLINSKI NETO

DRE: 117.203.987

A REALIZAÇÃO DO DITONGO /EI/ NA ILHA DA MADEIRA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Francês.

Data de avaliação:

Banca examinadora

Presidente da banca examinadora

NOTA: _____

Leitor Crítico

NOTA: _____

Assinaturas: _____

MÉDIA: _____